

## U M C E R T O D E V O T O

Um homem que se entregara à devoção,  
 Havia muito tempo andava em ansiosa espera,  
 Queria ver Jesus.  
 Por isso, quase sempre, em profunda oração,  
 Vivia em súplica sincera...  
 Até que, certa noite,  
 Viu, reverente, o Mestre  
 Que o abraçava e prometia,  
 Com palavras de aviso terno e exato,  
 Visitá-lo no dia imediato.  
 O devoto acordou... Amanhecia...

Antes que o Sol surgisse, inteiramente,  
 Apresentando a Terra em novas cores,  
 O amigo de Jesus, agindo como em festa,  
 Varre a casa modesta;  
 Depois, ei-lo a enfeitá-la,  
 Desde a pequena sala  
 Ao fogão da cozinha limpa e estreita,  
 Com dezenas de flores,  
 Estampando na face a alegria perfeita.  
 Logo pela manhã,  
 Bateu-lhe à porta um pobre em roupa esfarrapada,  
 Mostrando pés e mãos em estranhas feridas.  
 A rogar-lhe uns minutos de pousada,

Através de expressões enternecidadas,  
 Alegando sofrer tribulações  
 De comprida jornada;  
 Mas o devoto respondeu:  
 - Amigo, segue adiante,  
 O seu caso é comum,  
 Espero por alguém muito importante  
 Não tenho tempo algum.  
 O mendigo saiu, cambaleante.  
 Depois de agradecer.

Em seguida apareceu  
 Triste rapaz errante,  
 Demonstrando, no todo, traço a traço,

Febre, penúria e dor, indigência e cansaço,  
 Suplicando socorro ao devoto feliz...  
 Ele, porém, lhe diz:  
 - Põe-te à frente, rapaz, não tenho neste mundo  
 A obrigação de abrir a porta de meu lar  
 A qualquer vagabundo...  
 Logo após, um menino pobre e triste  
 Surgiu descalço e só,  
 Corpo todo a encobrir-se sob o pó  
 Das veredas difíceis que trilhara...  
 Pedia pão e abrigo,  
 Mas falou o devoto em voz segura e clara:  
 - Hoje, espero um amigo,

Não posso recolhê-lo,  
 Peça pão ao vizinho  
 E segue o teu caminho...  
 Aliás, para mim, é simples desmazelos  
 Dos lares sem amor  
 Que deixam a criança, um garoto qualquer,  
 Pedir, pedir, pedir e andar como quiser  
 Para depois fazer-se malfeitor...

Mais tarde, ao fim do dia,  
 Um velhinho doente, arrimado a um bordão,  
 Respeitoso, rogava compaixão,  
 Receava dormir exposto à noite fria  
 E sair, ao relento,

Aumentando a fadiga e o sofrimento.  
 O devoto, no entanto, informou da janela  
 - Não posso dar-te asilo,  
 Não bata à minha porta e nem te escores nela...  
 Aguardo alguém, contudo, segue em frente,  
 Neste mesmo lugar encontrarás mais gente  
 Que possa agasalhá-lo;  
 Desculpa-me e recusa,  
 É um amigo importante esse alguém de quem falo...  
 Espero que terás leito e pousada  
 Na primeira pensão, à direita da estrada.  
 O dia terminou e a noite veio escura,  
 O devoto chorou, tomado de amargura,

Mas dormiu e sonhou que reencontrava o Cristo;  
 Assombrado, gritou: - Por que, por que Senhor,  
 Não me queres a fé, nem me aceitas o amor?  
 Preparei minha casa com cuidado  
 A fim de demonstrar-te todo o meu carinho,  
 E não quiseste vir ao meu recanto...

- Como não? - disse o Mestre em doce explicação.  
 - Hoje, por quatro vezes fui  
 A tua casa, em vão;  
 Por muito que te achasse, eu me via sozinho...  
 Finda uma pausa, o Mestre esclareceu:  
 - Recorda, amigo meu,  
 O mendigo, o rapaz, o menino e o velhinho...

Sei que teu coração não percebeu,  
 Mas nos quatro viajores do caminho  
 Estava eu  
 A estender-te clarão renovador  
 E te buscar em meu imenso amor.

Nisso, o devoto em pranto  
 Voltou ao corpo e veio a despertar...  
 E relembrando o ensino, trêmulo de espanto,  
 Começou a pensar...

MARIA DOLORES